

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS**

GEORGE MARINHO SILVA

A ASCENÇÃO DO IMPÉRIO NEO-ASSÍRIO E SEU IMPACTO NO OCASO DO REINO DE ISRAEL EM 722 AEC

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso).
Orientador: Denise da Silva Menezes do Nascimento

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **GEORGE MARINHO SILVA**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número **202272020A**, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **A ASCENÇÃO DO IMPÉRIO NEO-ASSÍRIO E SEU IMPACTO NO OCASO DO REINO DE ISRAEL EM 722 AEC**, desenvolvido durante o período de **22/04/2025** a **15/08/2025** sob a orientação de **DENISE DA SILVA MENEZES DO NASCIMENTO**, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, 19 de agosto de 2024

GEORGE MARINHO SILVA

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e assinada pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

A ASCENÇÃO DO IMPÉRIO NEO-ASSÍRIO E SEU IMPACTO NO OCASO DO REINO DE ISRAEL EM 722 AEC

George Marinho Silva

RESUMO

Este trabalho analisa a ascensão do Império Neo-Assírio e seu impacto no fim do Reino de Israel como entidade política, seguido de sua conversão em uma província assíria no ano de 722 AEC., explorando as dinâmicas geopolíticas, militares e sociais que culminaram na invasão de sua capital, Samaria. O problema central reside em compreender como as políticas expansionistas assírias, especialmente as deportações em massa, reconfiguraram o Levante e aceleraram o colapso de Israel. O objetivo é demonstrar que a queda de Israel não foi apenas resultado de fragilidades internas, mas também de uma estratégia imperial assíria calculada, que combinava violência, reassentamento populacional e controle econômico. O método adotado inclui análise de relatos da Bíblia Hebraica, e de bibliografia especializada em História e Arqueologia do Antigo Oriente. Os resultados evidenciam que o Império Neo-Assírio, sob lideranças como Tiglate-Pileser III e Sargão II, sistematizou as deportações como ferramenta de dominação, desintegrando identidades locais e consolidando seu poder. Teologicamente, o evento foi reinterpretado pelos sacerdotes judaítas em 2 Reis 17 como punição divina, reforçando a centralidade de Jerusalém em Judá. Conclui-se que a queda de Samaria exemplifica o *modus operandi* assírio, marcado por violência estratégica e reengenharia social, cujos efeitos reverberaram na História e na identidade dos povos do Levante.

PALAVRAS-CHAVE: Deportações assírias; Reino de Israel; Queda de Samaria; Imperialismo; Antigo Oriente

DEPORTAÇÕES NO ANTIGO ORIENTE

A queda de Samaria (722 AEC.), registrada em 2 Reis 17, é um episódio marcante e trágico da tradição narrada pela Bíblia Hebraica. Tal evento não somente marcou o fim do Reino de Israel como entidade política, como também influenciou diretamente a teologia judaíta posterior ao sul, onde a invasão de Samaria pelo império Neo-Assírio¹ foi compreendida como punição divina devido aos pecados cometidos pela monarquia israelita. O texto bíblico acusa o Norte de praticar idolatria, desviar-se do culto a Javé e adorar deuses estrangeiros, conforme segue:

Isso aconteceu porque os filhos de Israel pecaram contra lahweh seu Deus, que os fizera subir da terra do Egito, libertando-os da opressão do Faraó, rei do Egito. Adoraram outros deuses e seguiram os costumes das nações que lahweh havia expulsado de diante deles. Os filhos de Israel proferiram palavras inconvenientes contra lahweh seu Deus, construíram para si lugares altos em todas as cidades onde moravam, desde as torres de vigia até as cidades fortificadas. Erigiram para si esteiras e postes sagrados sobre toda colina elevada e debaixo de toda árvore verdejante. Sacrificaram em todos os lugares altos, imitando as nações que lahweh havia expulsado de diante deles, e cometeram ações más, provocando a ira de lahweh. Prestaram culto aos ídolos, embora lahweh lhes houvesse dito: "Vós não fareis tal coisa." (2 REIS 17:7-12)

Para além do relato bíblico, a cultura material deixada pelos Assírios na forma de estelas e inscrições em palácios auxiliam na compreensão de que a conquista de Samaria representou o ponto final em um complexo processo de reordenamento geopolítico na região do Levante, que se seguiu à recuperação do poderio assírio na região da atual Palestina após um período de declínio relativo nos séculos VII e VI AEC. Principalmente, sob a liderança de monarcas expansionistas que se apresentavam com epítetos que inspiravam grandiosidade como "rei dos quatro cantos do da terra" e "rei do universo" (REDE 2018. p.88), (DO MONTE, 2010. p. 76) a exemplo de Tiglate-Pileser III (745-727 AEC.) e Sargão II (722-705 AEC), o Império Neo-Assírio empreendeu diversas políticas de expansão militar e territorial. Uma das mais conhecidas e que se tem relatos na atualidade por meio da tradição da Bíblia Hebraica, foram as deportações cruzadas, que buscavam estabelecer o domínio Neo-Assírio sobre as estratégicas rotas do Crescente Fértil, para além de estabelecer ao império uma saída para o mar Mediterrâneo. Neste contexto, o Reino de Israel, enfraquecido por disputas internas, fragmentação política e

¹ O Império Assírio (c. 2500–609 AEC.) divide-se em três fases principais: Período Antigo (c. 2500–1365 AEC): Caracterizado por cidades-estados como Assur, sob influência de impérios mesopotâmicos vizinhos. Império Médio (1365–912 AEC): Consolidação territorial, com destaque para Tiglate-Pileser I (1114–1076 AEC). Império Neo-assírio (912–609 AEC): Expansão máxima sob governantes como Senaqueribe (704–681 AEC) e Assurbanipal (668–627 AEC), até sua queda ante babilônios e medos.

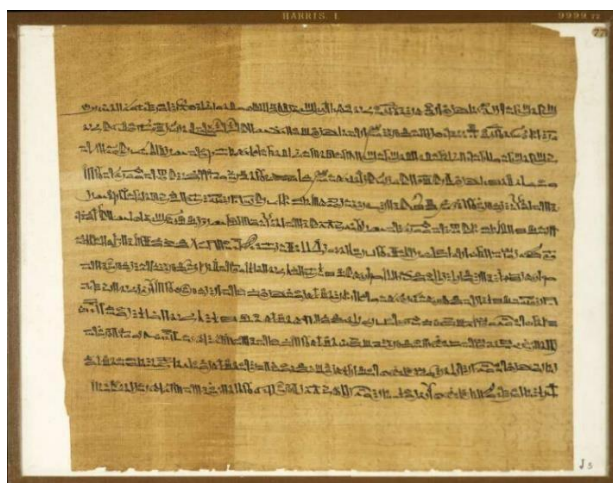
dificuldades econômicas, transformou-se numa presa vulnerável diante da bem organizada máquina bélica assíria.

A prática de deslocamento forçado se constituía em um exercício que pode ser considerado comum na Antiguidade Oriental, a qual servia como uma complexa ferramenta punitiva, econômica, política e militar. Longe de ser um fenômeno homogêneo, as deportações eram uma prática plural e seus impactos e métodos variavam, conforme o império e a época.

Uma das mais antigas evidências materiais a respeito de deportações no Antigo Oriente são os relatos das campanhas de Ramsés III do Egito (1194–1163 AEC.) contra os líbios e os Povos do Mar, como os Šardana e Wašoš, ocorridas no século XII AEC. Essas campanhas resultaram na captura de numerosos prisioneiros, uma vez que as invasões dos Povos do Mar não eram exclusivamente militares, há registros também da migração de civis.

As evidências encontradas no Papiro Harris, em Medinet Habu, indicam que os derrotados nos conflitos entre o Egito e os Povos do Mar foram submetidos ao cativeiro e à tributação (CASTRO, 2023, p. 102).

FIGURA 1 – PAPIRO DE HARRIS



FONTE: BRITISH MUSEUM

Trouxe de volta em grande número aqueles que minha espada poupou, com as mãos amarradas atrás das costas diante dos meus cavalos, e suas esposas e filhos às dezenas de milhares, e seus rebanhos às centenas de milhares. Aprisionei seus líderes em fortalezas que ostentavam meu nome, e adicionei a eles arqueiros- chefes e chefes tribais, marcados a ferro e fogo e escravizados, tatuados com meu nome, e suas esposas e filhos foram tratados da mesma forma. (LOPRIENO, 2012 p.10. tradução nossa)

A política egípcia buscava a integração desses grupos à economia e ao exército, fato que se sucedia por meio de trabalho forçado em projetos do rei e outros casos, assim como pelo reassentamento dos vencidos em terras egípcias. O complexo Medinet Habu, com seus relevos e inscrições, é de extrema importância para a compreensão para além dos conflitos com os chamados Povos do Mar, e fornece ricas evidências a respeito da prática de deportações e assimilações impostas aos povos derrotados que migraram para a região nas campanhas do século XII AEC.

As deportações realizadas pelos egípcios revelaram como essa prática estava longe de ser um ato de violência desorganizada, mas pode-se considerar que era parte de uma lógica voltada à preservação do domínio real, às fronteiras e à integração de populações estrangeiras dentro de uma estrutura imperial. Essa prática, posteriormente, foi adotada e sistematizada por outros impérios do Antigo Oriente Próximo, como o assírio e o babilônico, que levaram o deslocamento forçado a patamares ainda mais amplos e organizados.

Foi o Império Neo-Assírio que, a partir da ascensão de Tiglate-Pileser III (745 AEC.), elevou a prática das deportações a um sistema

sofisticado de controle imperial. Essas remoções populacionais não eram meros atos de castigo, mas sim uma política estratégica e calculada, destinada a desintegrar identidades locais, introduzir novas áreas agrícolas e garantir a lealdade das províncias conquistadas (TOSELI, 2022, p. 68).

Dezenas de milhares de pessoas foram realocadas em campanhas únicas, transformando radicalmente a demografia e a economia das regiões conquistadas. É nesse contexto, de um imperialismo assírio agressivo e metodicamente organizado que se inseriu a trágica queda de Samaria e o fim do reino de Israel em 722 AEC., evento que exemplifica a brutal eficácia das políticas de deportação, gerando profundas repercussões, inclusive teológicas, que se apresentam a partir da perspectiva judaíta na narrativa da bíblia hebraica.

A ASSÍRIA: MEMÓRIA DE GRANDEZA EM UM REINO REDUZIDO

Segundo Mario Liverani (LIVERANI 2016, p.619), a Assíria, por volta do século XII AEC. enfrentou um período de grande instabilidade política e militar. O reino foi pressionado por uma série de invasões das tribos arameias provenientes do oeste do reino que se encontravam em constante movimento devido às profundas transformações desencadeadas pela crise do bronze final (1200–1150 AEC.) e pelas invasões dos Povos do Mar que modificaram a paisagem geopolítica do Levante e, conseqüentemente, da região mesopotâmica.

Tais eventos abalaram profundamente a estrutura política e econômica do Oriente próximo, afetando inclusive a região mais central do império (Assur, Nínive e Halah). As incursões de grupos nômades promoveram a desestabilização das rotas comerciais e fragilizaram o poder central, o que levou a um período de declínio temporário do império médio Assírio (1396-1000 AEC).

No entanto, diferentemente de outras potências da época como os hititas e os egípcios, que sofreram mais severamente por estarem mais próximos ao mediterrâneo, a Assíria, conseguiu resistir parcialmente às pressões externas, mantendo sua identidade política e cultural. Essa fase crítica preparou o terreno para o posterior reerguimento assírio que se consolidaria a partir do século X AEC.

Em 934 AEC., a Assíria controlava apenas seu núcleo territorial original, compreendendo as cidades de Nínive, Halah e Assur, uma fração do vasto império que outrora dominara boa parte da Mesopotâmia durante o período médio Assírio nos séculos anteriores. No entanto, como destaca Mario Liverani (2016, p. 635), a mentalidade imperial jamais desapareceu entre os governantes assírios. Apesar da reduzida extensão geográfica, eles ainda se consideravam herdeiros legítimos de um domínio universal, reivindicando soberania simbólica e militar sobre todos os territórios que um dia haviam pertencido ao antigo império.

Essa persistência ideológica foi fundamental para o reerguimento assírio no próximo século, já que a noção de destino imperial se manteve viva na corte e serviu como justificativa para as futuras campanhas de expansão. Nesse sentido, mesmo em seu momento de menor domínio territorial, a Assíria jamais abandonou suas aspirações imperiais de controlar toda a região que um dia comandou, o que ajuda a compreender sua rápida transformação, no século IX a.C., no primeiro grande império militarista da antiguidade.

O RESURGIMENTO ASSÍRIO

Sob a liderança Adad-nirari II (911–892 AEC.), a assíria inaugurou um novo período de expansão, apesar das adversidades, o rei conseguiu reorganizar o exército e atacar as três regiões em volta do centro que a assíria dominava. Diante disso, entende-se que

Com Adad-nirari II (911-891 AEC.), a situação é semelhante, mas o cerco é deslocado para uma área mais distante, Adad-nirari II atua nas 3 frentes tradicionais: os planaltos do norte, a fronteira babilônica e a planície alto-mesopotâmica (LIVERANI, 2016, p. 636).

Durante o reinado de Assurnasirpal II (883–859 AEC.), a Assíria testemunhou a produção sem precedentes de uma cultura material (relevos, e inscrições palacianas) destinada a exaltar a grandeza do império e propagar a ideia de um império “mundial”. Uma de

suas primeiras medidas foi a transferência da capital de Assur para Kalhu (Nimrud), onde o imperador ordenou a construção de um grandioso palácio real decorado com relevos monumentais e inscrições que celebravam suas conquistas militares.

A antiga Kalhu, que Shalmaneser, rei da Assíria, meu predecessor, construiu — essa cidade estava dilapidada e deserta. Eu a reconstruí com meus próprios cativos das terras sobre as quais governei — aqueles de Suhu, todo o território de Laqu, Sirqu, que fica na margem oposta da travessia do Eufrates, toda Zamua, Bit Adini, e Hattu, bem como os de Lubarna de Hattina—eu os trouxe e estabeleci ali. Eu removi o antigo tell. Cavei até as nascentes. Assentei 120 camadas de tijolos nas profundezas. (A partir do nível das nascentes, fiz um aterro de 120 camadas de tijolos até o topo.) (COHEN; KANGAS, 2010, p. 32, tradução nossa).

Como destacam Cohen e Kangas (2010, p. 32), as muralhas e os portões de Kalhu eram adornados com representações artísticas e textos que registravam as campanhas do rei contra os reinos vizinhos, funcionando como uma forma de propaganda política a fim de transmitir aos cidadãos da cidade e aos visitantes suas conquistas territoriais. Esses registros não apenas glorificavam as vitórias e conquistas assírias, mas também tinham a funcionalidade de intimidar os reinos vassalos, fator que reforçou a imagem de um império invencível.

Além disso, Assurnasirpal II promoveu grandes festivais e cerimônias para inaugurar sua nova capital, com a finalidade de demonstrar o poder econômico e cultural da Assíria (LIVERANI, 2016, pg.641). Esse investimento em arquitetura e arte não era um simples capricho do rei, mas uma estratégia consciente de legitimação do poder que buscava consolidar seu governo tanto perante os súditos quanto as nações rivais e vizinhas.

ESTABELECIMENTO DE UM IMPÉRIO GRANDIOSO

O reinado de Assurnasirpal II (883-859 AEC.) marcou um ponto de virada decisivo na história assíria, quando o reino finalmente consolidou sua hegemonia nos limites territoriais do antigo Império Médio Assírio. Como observa Liverani (2016, p. 638), este período representou uma recuperação e uma expansão sem precedentes do poderio militar e econômico assírio.

Por meio de campanhas militares meticulosamente planejadas, Assurnasirpal II não apenas restabeleceu as fronteiras do antigo império, como também as expandiu significativamente. Suas incursões bem-sucedidas demonstraram uma capacidade estratégica superior, consolidando a Assíria como uma das principais potências do Oriente Próximo.

Mais do que simples conquistas territoriais, essas campanhas representavam uma reafirmação ideológica, ou seja, a materialização do destino imperial assírio que havia sido interrompido durante os séculos de declínio. Assurnasirpal II além de recuperar territórios perdidos, reconstruiu a identidade imperial assíria em uma escala ainda maior do que fora na Idade do Bronze.

Com a morte de Assurnasirpal II em 858 AEC., Salmaneser III ascendeu ao trono que herdou de seu pai com um império em expansão e um sofisticado aparato militar e administrativo que transformaria radicalmente a natureza do domínio assírio. Seu reinado marcou a transição de uma política de saques e tributos ocasionais (característica do período de seu pai) para um sistema de ocupação militar permanente e administração direta dos territórios conquistados (LIVERANI, 2016, p. 643).

As campanhas de Salmaneser III, no Levante, representaram um salto qualitativo na presença assíria na região. O emblemático Obelisco Negro de Nimrud registrou a submissão e recolhimento de tributos do rei Jeú (842 – 814 AEC.) de Israel e de outros líderes locais nas redondezas do império.

FIGURA 2 – OBELISCO NEGRO DE SALMANESER III



FORNE: BRITSH MUSEUM

Obelisco de calcário preto de Salmanasar III; glorifica as conquistas do rei e do ministro; inscrição; ilustrações mostram tributos de todas as direções; portadores de tributos em cinco fileiras, identificados por legendas; cada fileira tem quatro painéis, um de cada lado do obelisco; 1. O tributo de Gilzanu (noroeste do Irã) inclui cavalos; 2. Casa de Omri (antigo Israel - tributo do rei bíblico Jeú 841 a.C.); 3. Musri, ou tributo egípcio ou presente de elefante, macaco e outros animais exóticos; 4. Suhi no Eufrates, cenário de caça de animais; 5. Pátina no sul da Turquia. (BRITSH MUSEUM, 2025, tradução nossa).

Para além de retratar a submissão dos reinos vizinhos o Obelisco Negro ou Obelisco de Salmaneser também simbolizou a nova ordem geopolítica no oriente próximo. O monarca transformou antigas rotas comerciais em corredores militarizados, estabelecendo guarnições permanentes que asseguravam o fluxo de tributos para a região central do império.

Essa política de tributação e controle militarizado das rotas consolidou o poder assírio e estruturou uma economia baseada na extração de recursos, das regiões periféricas, na qual os reinos vassallos eram compelidos a fornecer metais preciosos, cavalos, madeira e outros bens essenciais para a manutenção do império. A cobrança contínua de tributos consistia em um mecanismo crucial para assegurar e avaliar a lealdade e a submissão dos reinos dominados. Dessa maneira, o Império Assírio transformou a tributação em um instrumento econômico em uma ferramenta de controle político, garantindo a obediência das regiões subjugadas. Pode-se considerar, por exemplo,

Listas de vinhos foram encontradas no palácio de Calah/Nimrud evidenciam a presença de emissários norte israelitas apresentando tributo à Assíria no início do séc. VIII AEC. (ASTER, 2016, p. 175-198 apud TOSELI, 2022, p. 42).

A norte, Salmaneser III enfrentou o emergente reino de Urartu, inaugurando um conflito que se estenderia por gerações. Suas campanhas resultaram no controle de importantes cidades fortificadas ao redor do lago Van, criando uma “zona-tampão” contra as investidas urartianas. Tal política de contenção marcaria o início da longa rivalidade entre Assíria e Urartu pelo controle das rotas do Cáucaso e da Anatólia oriental (LIVERANI, 2016, p. 642). Além disso, Salmaneser III também foi convocado para intervir na Babilônia que passava por dificuldades dinásticas e revoltas.

Um dos episódios mais significativos de seu reinado foi o confronto contra a coalizão de reinos sírio-palestinos em 853 AEC. (Batalha de Qarqar) que se uniram para resistir ao avanço assírio na região. Tal aliança incluía importantes potências regionais, como Aram-Damasco sob o comando do rei Hadadezer (Ben-Hadade II), e o Reino de Israel, liderado pelo rei Acabe, da dinastia Omrida.

A Inscrição de Kurkh, um monólito erguido por Salmaneser III, é particularmente relevante. Nela, o rei assírio descreve suas campanhas militares e menciona ter enfrentado uma coalizão liderada por Hadadezer de Damasco, na qual o rei Acabe de Israel participou

com uma contribuição militar notável. O texto assírio detalha que Acabe forneceu 2.000 carros de guerra e 10.000 soldados de infantaria. A dimensão desse contingente evidencia o poderio militar do Reino de Israel sob a dinastia Omrida e também sua influência política e a escala dos conflitos da época. (FINKELSTEIN, 2023, p. 108; Na'aman, 1976, p. 97).

A Batalha de Qarqar (853 AEC.), travada às margens do rio Orontes, não resultou em uma vitória decisiva para os assírios, embora Salmaneser III a tenha registrado como um triunfo em suas inscrições. A resistência da coalizão conseguiu frear, temporariamente, a expansão assíria, mas, nas décadas seguintes, a fragmentação política entre os reinos sírio-palestinos permitiu que a Assíria retomasse suas campanhas com sucesso.

FIGURA 3 – ESTELA DE KURKH



FONTE: BRITISH MUSEUM

O evento ilustra a complexa geopolítica do Levante no século IX AEC., caracterizada pela formação de coalizões pragmáticas. A aliança militar entre Israel e Aram, dois reinos que frequentemente se confrontavam, serve como um exemplo notável de como a crescente ameaça do Império Neo-Assírio incentivou a união de potências regionais que, em outras circunstâncias rivalizavam.

Três anos antes da morte de Salmaneser III, seus filhos Shamshi-Adad e Ashur-da'in-apli entraram em um conflito pela sucessão do trono imperial (LIVERANI, 2016, p. 643), Shamshi-Adad venceu a disputa três anos depois da morte de seu pai, e assumiu como Shamshi-Adad V (823-811 AEC.) que continuou as intervenções políticas na babilônia que foram empreendidas por seu pai.

Ao ascender ao trono em 745 AEC., Tiglate-Pileser III (745-727 AEC.) implementou diversas reformas militares e administrativas que transformaram a Assíria em uma máquina de guerra ainda mais temível. Seu reinado foi marcado por grandes campanhas militares, estrategicamente conduzidas a fim de consolidar o domínio assírio na região:

Trata-se de uma vitória (conquistada em Kishtan, 743) que deixou suas marcas por muitas décadas. Sarduri é eliminado do cenário político do oeste de Eufrates, a Assíria liberta-se e aproveita-se dessa situação durante toda a segunda metade do século VIII. Como tinha acontecido com Salmaneser III um século antes, Tiglate-Pileser também dá prioridade aos estados (araméus) do centro sul, sobretudo aos (neo-hititas) do norte. Assedia imediatamente Arpad aplicando-lhe uma punição exemplar. Faz o mesmo ano após ano, com Umqi/Patina, Khatarika (aparte do reino de Hama), Damasco e com as províncias externas de Israel, só para citar algumas etapas principais. (LIVERANI, 2016, p.664)

Suas campanhas no Levante, iniciadas na década de 740 AEC., marcaram o fim da hegemonia arameia na região. Tiglate-Pileser III subjugou Damasco, cidade que havia sido um dos principais centros de poder na região na época do reinado de Hazael (843 a 796 AEC.). A conquista de Damasco em 732 AEC. e o assassinato de seu rei, Rezim/Raçon, simbolizaram o fim do poder arameu e a consolidação do domínio assírio na região sírio-palestina. "Este atendeu o pedido, atacou Damasco e a conquistou. Deportou seus habitantes para Quir e matou a Rezim/Raçon." (2 Reis 16: 9).

Além disso, Tiglate-Pileser III impôs pesados tributos aos reinos da região, incluindo Israel, realizou deportações em massa como parte de sua estratégia para enfraquecer a resistência local e integrar os territórios conquistados ao Império Neo-Assírio. A perda da hegemonia arameia para os assírios redefiniu o equilíbrio de poder no Levante e também marcou o início de uma nova era de dominação assíria na região. Esse processo de subjugação e integração da região foi elementar para a formação do Império Neo-Assírio e inaugurou sua história de controle sobre o a região sírio-palestina.

A estratégia militar conhecida como deportação cruzada foi amplamente utilizada pelos assírios como meio de controle e dominação nos territórios conquistados. A prática da deportação envolvia a relocação forçada de milhares de pessoas, tinha como objetivo principal impedir qualquer forma de resistência por parte das populações subjugadas que tinham suas identidades apagadas, o que gerava um ar de terror nos reinos menos desenvolvidos militarmente. A eminência da deportação sempre estava no horizonte de pensamento levantino.

Ao dispersar grupos étnicos e culturais para regiões distantes de suas terras natais, os assírios buscavam enfraquecer identidades coletivas, tornando praticamente impossível a organização de revoltas.

Apesar de sabermos que nem toda a população dos territórios submetidos pela Assíria era deslocada, a verdade é que a sua transformação em províncias eliminava a sua identidade política. Ser para sempre estrangeiro em terra estrangeira, sem a segurança da tranquila posse de um território ou de uma propriedade que pudesse ser transmitida ao longo das gerações; não possuir uma morada para os deuses, onde o culto quotidiano se pudesse efectuar; e o despojamento de uma dinastia reinante, que pudesse intermediar as relações entre os deuses e o povo: eis alguns dos temores que assolavam todas as comunidades no Oriente Antigo, justificados de forma pungente na época da expansão e hegemonia neo-assíria. (DO MONTE, 2010, p.85)

HAZAEI DE DAMASCO: A CONSOLIDAÇÃO ARAMEIA E CRISE NO REINO DE ISRAEL

De acordo com Finkelstein, a região levantina, por volta da segunda metade do século IX (antes da ascensão de Tiglate-Pileser III), experimentou um período de relativa independência e menor intervenção das potências vizinhas. Isso possibilitou que o reino arameu se consolidasse como uma micropotência na região e interviesse na política israelita. A prosperidade econômica e o poderio militar que gozou Israel nos anos anteriores foram de curta duração. Para tanto, "a ascensão de Hazael ao trono de Damasco em 842 AEC. e o enfraquecimento temporário da Assíria trouxeram uma mudança no pêndulo do poder do Levante – o declínio do reino do Norte e o surgimento de Damasco como uma potência proeminente". (FINKELSTEIN, 2023, p. 148)

Nesse contexto, Hazael é um personagem que emergiu ao trono damasceno, no século VIII AEC., reinou de 843 a 796 AEC. Consolidou o poder de Damasco e exerceu influência significativa sobre os reinos vizinhos, incluindo Israel. Suas campanhas militares e políticas expansionistas contribuíram para o enfraquecimento de Israel que já enfrentava uma série de desafios internos. Conforme o redator deuteronomista² do livro de reis, Hazael foi ungido por Elias a mando de Javé para perpetrar o castigo divino à nação nortista. Assim,

Ele respondeu: "Eu me consumo de ardente zelo por lahweh dos Exércitos, porque os filhos de Israel abandonaram a tua aliança, derrubaram teus altares e mataram teus profetas à espada. Fiquei somente eu e procuram tirar-me a vida." lahweh lhe disse: "Vai, retoma teu caminho na direção do deserto de Damasco. Irás ungir Hazael como rei de Aram. Ungirás Jeú, filho de Namsi, como rei de Israel, e ungirás" Eliseu, filho de Safat, de Abel-Meula, como profeta em teu lugar. Quem escapar à espada de Hazael, Jeú o matará, e o que

² De acordo com Carmo (2023), "A Obra Historiográfica Deuteronomista (OHDt) foi o esforço histórico-teológico empreendido por letrados e religiosos provenientes de Samaria e Judá que, principalmente após a queda de Samaria (ca. 721 AEC.) ante os assírios, passaram a fazer uma leitura mais integral da história do seu povo ao longo dos anos que se seguiram. O resultado desse esforço empreendido desde a queda de Samaria até o Exílio Babilônico (ca. 598 a.C.-539 AEC.) foi a OHDt: o bloco do Livro do Deuterônimo (Dt 12-26) e os livros de Josué, Juizes, 1, 2 Samuel e 1 e 2 Reis". (Carmo, 2023 p. 37)

escapar da espada de Jeú, Eliseu o matará. 18 Mas pouparei em Israel sete mil homens, todos os joelhos que não se dobraram diante de Baal e todas as bocas que não o beijaram." (1REIS 19: 14-17).

A ascensão de Hazael ao trono de Damasco está intimamente ligada à revolta de Jeú em Israel, um comandante militar israelita ungido por um profeta para derrubar a dinastia de Acabe e Jezabel. Jeú liderou um golpe sangrento, eliminando os Omíidas e, segundo a tradição deuteronômista, no relato bíblico, cumpriu parcialmente o juízo divino contra a casa de Acabe (2 Reis 9-10). A narrativa bíblica destacou elementos sobrenaturais associados a YHWH e atos heroicos atribuídos a Jeú, enquanto os registros históricos revelam que a traição de Jeú, com o apoio de Hazael, levou ao enfraquecimento de Israel perante os arameus. Isso acontece porque 2 Reis 9,1-13 é um texto marcadamente ideológico, elaborado para promover uma imagem favorável de Jeú. (CARMO, 2025. p. 2).

Hazael, após consolidar seu poder em Damasco, iniciou uma série de campanhas militares contra Israel, aproveitando-se da instabilidade interna causada pela revolta de Jeú. Segundo a tradição em 2 Reis 10:32- 33 e 2 Reis 13:3-7, ele conquistou territórios israelitas e impôs pesados tributos a Israel. Suas ações contribuíram para o declínio do reino de Israel que já sofria com a opressão social. Hazael não apenas atacou Israel, mas também estendeu sua influência sobre Judá e outras regiões, estabelecendo Damasco como uma potência regional durante seu reinado.

Ademais, a narrativa bíblica atribuiu, unicamente, a Jeú a queda dos Omíidas, porém a cultura material arameia indicou que foi o próprio Hazael quem derrotou os Omíidas e colocaram Jeú no trono israelita. A Estela de Dã, a qual a autoria é atualmente atribuída a Hazael traz os seguintes dizeres: “[Eu matei Jeho]ram, filho de [Acab], rei de Israel, e[eu] [Ahaz]iahu, filho de [Jehoram re]ji da Casa de Davi” (FINKELSTEIN, 2023, p. 151)

Essa divergência pode ser explicada pela natureza das fontes, enquanto a narrativa bíblica foi escrita com objetivos teológicos e ideológicos, buscando destacar a intervenção divina na história de Israel e justificar a queda dos Omíidas como consequência de seus pecados. Já a Estela de Dã apresentou a perspectiva também ideológica, a partir do rei arameu que buscava glorificar as conquistas de Hazael e consolidar sua imagem como um poderoso líder militar.

Israel viveu um breve período de estabilidade e prosperidade sob a dinastia de Jeú (Ninshida), porém como indica os livros proféticos Oseias e Amós, havia um descontentamento da população com as políticas e alianças orquestradas pelos monarcas, que segundo Toseli (2015), proporcionou o acúmulo de terras e riquezas na mão de poucos, pauperizando os cidadãos que dependiam da atividade agrícola para sobreviver. Aponta-se que “a partir da relação entre culto oficial e rei, associamos a contenção das imagens dos "tours jovens" de Betel e Samaria à condenação da política nacional dos reis do Norte de Israel: o processo sistemático de latifundiarização e desapropriação das terras das famílias camponesas” (TOSELI, 2015, p. 471).

A sociedade israelita era marcada por desigualdades sociais e econômicas. Nos tempos de Jeroboão II (781-753 AEC.), a elite acumulava riquezas por meio de terras, enquanto grande parte da população vivia em condições precárias, o que engendrou uma disparidade que gerava tensões internas e minava a unidade do reino. No contexto da hegemonia assíria, Israel não escapou ao domínio do grande império, e os reflexos da estratégia assíria foram profundos e devastadores. Entre os anos de 753 e 722 AEC., o Reino de Israel enfrentou uma grave instabilidade política, marcada por sucessões constantes no trono de Samaria. Esse período ficou conhecido por assassinatos e golpes sangrentos, conforme registra a tradição bíblica em 2 Reis 15:8-17.

Em um esforço para evitar a invasão assíria, Manaem de Israel (752 a 742 AEC.) pagou diversos tributos à Assíria. A instabilidade política e social em Israel se agravou durante o reinado de Peca/Facéia (742 a 740 AEC.). Nesse período, Aram e Israel, reinos que antes eram rivais, se uniram a fim de tentar impedir a expansão dos assírios, formou-se então uma aliança. Acáz, rei de Judá,

foi convidado a se juntar à revolta, porém recusou e em resposta, os reis de Israel e Damasco invadiram Judá:

Então Rezim, rei da Síria, e peca, filho de Remalias, rei de Israel, saíram para lutar contra Acaz e sitiaram Jerusalém, mas não conseguiram vencê-lo. Naquela ocasião, Rezim recuperou Elate para a Síria, expulsando os homens de Judá. Os edomitas então se mudaram para Elate, onde vivem até hoje. Acaz enviou mensageiros para dizer a Tiglate-Pileser, rei da Assíria: "Sou teu servo e teu vassalo. Vem salvar-me das mãos do rei da Síria e do rei de Israel, que estão me atacando" Acaz juntou a prata e o ouro encontrados no templo do Senhor e nos tesouros do palácio real e enviou-os como presente para o rei da Assíria. Este atendeu o pedido, atacou Damasco e a conquistou. Deportou seus habitantes para Quir e matou a Rezim. Então o rei Acaz foi a Damasco encontrar-se com Tiglate-Pileser, rei da Assíria. Ele viu o altar que havia em Damasco e mandou ao sacerdote Urias um modelo do altar, com informações detalhadas para sua construção. (2 REIS 16: 5-10).

A narrativa bíblica retratou a submissão do rei Acaz de Judá aos assírios como uma estratégia para preservar o pequeno reino de Judá diante das ameaças externas. O rei Acaz, ao se ver pressionado pela aliança entre o reino de Israel e os arameus durante o episódio chamado de Guerra Siro- Efraimita optou por buscar o apoio da Assíria, a maior potência militar da região. Esse pedido foi atendido prontamente pelos assírios que viram na situação uma oportunidade para expandir seu domínio sobre o Levante.

Os assírios, em 732 AEC., liderados por Tiglat-Falasar III, avançaram sobre os reinos arameus e Israel, fator que arrasou Damasco e conquistou grandes porções do território israelita. Com isso, o território de Israel foi fragmentado. De acordo com Finkelstein e Silberman (2019, p. 295), apenas o entorno da cidade de Samaria permaneceu sob administração israelita, enquanto o restante do território foi dividido em três províncias assírias: Dor (na região costeira), Meguido (na Galileia) e Galaad (na Transjordânia). Essa divisão administrativa refletia a estratégia assíria supracitada de controle e dominação que envolvia deportação de populações locais e o reassentamento de grupos estrangeiros para enfraquecer identidades nacionais e prevenir revoltas.

Enquanto em Judá a submissão de Acaz à Assíria salvaguardou temporariamente o reino de Judá, porém, também colocou o reino em uma posição de vassalagem, que foram obrigados a pagar tributos e se alinhar politicamente aos interesses assírios, o que ajudou a consolidar o poder e influência assíria na região. A fragmentação de Israel e a criação das províncias assírias marcaram o fim do reino de Israel como uma entidade política independente, ao passo que Judá, embora sobrevivesse, permaneceu sob a sombra do império assírio.

A guerra siro-palestinese resultou no fim do estado de Arã-Damasco (Síria) e na perda de grande parte do território para Israel: Transjordânia, Galileia, Gileade, Negev e Sefelá, onde ambos foram anexados a Assíria. Israel ficou reduzida ao monte de Samaria e outros estados: Judá, Filistia, Moabe, Amon, Árabes e Fenícia (Sidonios) focaram como estados vassalos (VICENTE, 2020 p.218).

Esses eventos não apenas são descritos na narrativa bíblica, mas também são corroborados por evidências arqueológicas e históricas que demonstram a extensão do controle assírio sobre a região e o impacto devastador de suas políticas de deportação e reassentamento. O próprio rei assírio se vangloriou de duas conquistas em um obelisco encontrado na cidade de Asur: "A terra de Bit-Humria [casa de Amri], de que arrasei todas as cidades até o solo nas minhas campanhas anteriores... Eu saqueei o gado e somente poupei a isolada Samaria" (FINKELNSTEIN e SILBERMAN, 2019, p. 295).

Com a chegada de Salmanasar V II (727-722 AEC.) e em seguida V Sargão II (721-705 AEC.) ao trono assírio em 727 AEC., a situação política na região continuou a se deteriorar para os reinos de Israel que manteve a política expansionista de seus antecessores, e buscou consolidar o controle assírio sobre os territórios conquistados e garantir o fluxo de tributos para o império. O rei Oséias de Israel tentou aproveitar a transição de poder na Assíria para se rebelar contra o domínio assírio, cessou o pagamento de tributos e buscou aliança com

o Egito, na esperança de obter apoio militar. No entanto, o Egito enfraquecido por conflitos internos não forneceu a ajuda necessária. Salmanasar V respondeu com força total, invadindo Israel, prendeu Oséias e cercou a cidade de Samaria. Após um cerco de três anos, a cidade foi invadida, em 722 AEC., transformando a região samaritana em província assíria.

O fim de Samaria e o exílio de sua população marcaram um ponto de virada na história do antigo Israel. O reino de Israel deixou de existir como entidade política, Judá sobreviveu sob a constante sombra do poder assírio. As políticas de deportação e reassentamento implantadas pelos assírios tiveram impacto avassalador, mas também contribuíram para o surgimento de novas identidades e tradições. Esses eventos, descritos tanto na narrativa bíblica quanto nas evidências arqueológicas, ilustram a complexidade e a brutalidade do domínio assírio no Levante, cujas consequências ecoariam por séculos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A queda de Samaria em 722 AEC. foi o desfecho inevitável da convergência entre o imperialismo Neo-Assírio e a fragilidade política estrutural do Reino de Israel. Os assírios sistematizaram as deportações como ferramenta geopolítica: deslocamentos massivos de populações quebraram identidades coletivas, esvaziaram resistências e reordenaram demografias, transformando o Levante uma série de províncias. Israel, já enfraquecido pela fragmentação dinástica, pressão arameia (hegemonia de Hazael) e colapso social (denunciado por profetas como Oséias e Amós), tornou-se alvo vulnerável. A falha da aliança siro-efraimita (734–732 AEC.) permitiu a fragmentação territorial. A revolta final de Oséias levou ao cerco de Samaria e sua conversão em província, selando o destino do reino.

Teologicamente, o evento foi reinterpretado pela narrativa deuteronomista (2 Reis 17) como punição divina pela idolatria praticada pela monarquia israelita, fortalecendo em Judá uma teologia centrada em Jerusalém. Demograficamente, as deportações cruzadas reconfiguraram a identidade samaritana, gerando tensões duradouras. Estrategicamente, consolidou o domínio assírio sobre as rotas mediterrâneas, financiando seu expansionismo. Este episódio sintetiza o *modus operandi* imperial assírio: violência calculada como engenharia social, onde desenraizamento e terror fundaram uma nova ordem no Levante. Para Israel, o trauma do exílio ecoou como mito fundador; para a história, tornou-se paradigma de como impérios forjam, através da força, a manutenção do poder.

Referências Bibliográficas

BÍBLIA. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BRITISH MUSEUM. **A Estela Kurkh**. Estela de Calcário, 852 AEC. Número do objeto: 118884. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/W_1863-0619-2. Acesso em: 18 ago. 2025.

BRITISH MUSEUM. **Obelisco de Salmanasar III**. Calcário preto, 858–824 AEC. Número do objeto: 118885. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/W_1848-1104-1. Acesso em: 20 abr. 2025.

BRITISH MUSEUM. **Papyrus Harris**. 20^a Dinastia (cerca de 1186–1069 a.C.). Número do objeto: EA9999,76. Disponível em: https://www.britishmuseum.org/collection/object/Y_EA9999-76. Acesso em: 19 ago. 2025.

CARMO, Matheus da Silva. “Assim disse lahweh: Eu ungi a ti a rei sobre Israel” (2 Rs 9,3): A narrativa da unção de Jeú pelo jovem profeta (2 Rs 9,1-13) como ferramenta legitimatória das ações de Jeú e da dinastia Nimshida em Israel no século VIII a.C. **Numen**, [S. l.], v. 27, n. 2, 2025.

CARMO, Matheus da Silva. **Israel e Judá como um só povo: a formação da ideologia pan-israelita entre os séculos VIII aC e VI aC**. 2023.

CASTRO, Nuno Miguel Lima Arrais de. **From Troy to Aššur: Cavalry and War (14th to 8th Centuries BC)**. 2023. Dissertação (Mestrado em

História/Arqueologia) – Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.

COHEN, Ada, KANGAS Steven E. **Assyrian reliefs from the palace of Ashurnasirpal II: a cultural biography**. UPNE, 2010.

DO MONTE, Marcel Luís Paiva. **Os tratados ade-instrumentos políticos e jurídicos na construção imperial assíria, secs. VIII-VII AC: entre a continuidade e a singularidade**. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa (Portugal).

FINKELSTEIN, Israel. **O reino esquecido: arqueologia e história de Israel Norte**. Paulus Editora, 2023.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. **A Bíblia desenterrada: a nova visão arqueológica do antigo Israel e das origens dos seus textos sagrados**. Editora Vozes Limitada, 2019.

LIMA, Fábio Afonso Frizzo de Moraes. **Estado, império e exploração econômica no Egito do Reino Unido**. 2016.

LIVERANI, Mário. **Antigo oriente: História sociedade e economia**. Tradução de Ivan Esperança Rocha. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016. 2017.

LOPRIENO, Antonio. **Slavery and Servitude**. Los Angeles: UCLA, 2012.

NA'AMAN, Nadav. Two notes on the Monolith inscription of Shalmaneser III from Kurkh. **Tel Aviv**, v. 3, n. 3, p. 89- 106, 1976.

REDE, Marcelo. Imagem da violência e violência da imagem: Guerra e ritual na Assíria (séculos IX-VII aC). **Varia História**, v. 34, n. 64, p. 81-121, 2018.

TOSELI, Cecília. **Entre o fim e a continuidade: a memória norte-israelita do exílio de Samaria, história, tradição e literatura**. Tese de Doutorado em Ciência da Religião – Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2022.

TOSELI, Cecília. O Exílio de Samaria. **Revista Pistis & Praxis**, v. 12, n. 2, 2020.

TOSELI, Cecília. Oseias 13 e a condenação dos “tours jovens”. **Estudos Bíblicos**, v. 32, n. 128, p. 458-473, 2015.

VICENTE, Thiago Guimarães. **História e contexto da guerra siro-palestinese (siro-efraimita): uma análise exegética de Isaías 7.1-9**. 2020. Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo.